

# Em defesa de Brasília

VALMIR CAMPENO

13 FEV 1994

## JORNAL DO BRASIL

O tema que pretendo abordar soa disparatado, absurdo mesmo, nesta virada do século XX, limiar do Terceiro Milênio: a defesa de Brasília como Capital da República. Não o abordaria se as circunstâncias não o impussem de maneira inapelável.

O tema está na ordem do dia da mídia nacional, sendo discutido a sério por veículos importantes — e, por extensão, influenciando pessoas de boa fé em todo o Brasil.

No próprio Congresso, já temos os reflexos concretos disso. Há, na revisão constitucional, propostas que buscam esvaziar politicamente Brasília, cassando-lhe a autonomia política e a representação parlamentar.

Após 34 anos de sua fundação e exibindo qualidade de vida e funcionalidade somente comparáveis às melhores cidades do Primeiro Mundo, Brasília tem sua condição de Distrito Federal novamente questionada. Digão novamente porque, como é óbvio, o tema tem sido recorrente, desde sua inauguração.

Jornais influentes do eixo Rio-São Paulo abrem espaços generosos ao tema, que vem sendo abordado, algumas vezes em tom panfletário, por intelectuais e políticos.

A tese é a seguinte: os problemas que afligem hoje o País — inflação, corrupção e má gerência da coisa pública — seriam decorrentes da transferência da Capital da República para Brasília. A solução, portanto — segundo esse singelo raciocínio — seria retransferi-la para o Rio.

Considero simplesmente risível a idéia de que inflação e corrupção nasceram com Brasília. Esses fenômenos têm origem claramente cultural, não se restringem ao Brasil, nem muito menos à nossa era. Ao tempo em que a capital era no Rio de Janeiro, os problemas não eram substancialmente diferentes. E, sob alguns aspectos, eram até bem mais graves.

Basta lembrar, para não recuar muito, do "mar de lama", dos tempos do Palácio do Catete, que levou o presidente Vargas ao suicídio. Há também a famosa "Gaiola do Ouro", apelido dado à Câmara de Vereadores do Rio, quando Distrito Federal, nos anos 40.

São dois momentos marcantes da história recente do Brasil, em que os conceitos de público e privado confundiram-se desastrosamente, em detrimento, é claro, do público.

A corrupção está nas raízes da história do Brasil, muito antes de se cogitar de construir Brasília. Já na carta de Pero Vaz Caminha ao rei don Manuel, há um pedido de emprego público para um sobrinho do missivista, formulado com a maior naturalidade.

No século XVIII, o rei de Portugal decide mandar como interventor do Rio de Janeiro um militar da sua confiança, o coronel Vahia Monteiro, apelidado o "Onça", cuja missão era exatamente dar um basta na corrupção, que reduzia drasticamente o fluxo de impostos ao reino. Seu relatório ao rei, após alguns meses de convívio, foi um primor de síntese. Dizia

apenas: "Aqui, todos roubam. Me nos eu".

A idéia de retransferir a capital para o Rio, em função dos escândalos aqui denunciados, faz lembrar a clássica anetada do marido que surpreende a esposa com um amante no sofá da sala e, indignado, desfaz-se do sofá. Brasília, nessa epidemia de escândalos que assolou (e ainda assola) o Brasil, é simplesmente o sofá, um espaço geográfico neutro, em que as coisas acontecem. Nada mais.

Se a capital fosse no Rio, em Curitiba, em São Paulo ou Belo Horizonte, as instituições políticas brasileiras não se tornariam subitamente melhores. Elas refletem o grau de educação política de um povo. Brasília nada tem a ver com isso. É uma instância geopolítica, para onde tudo converge.

Outra argumentação infundada, sistematicamente sustentada pelos detratores de Brasília: a cidade não teria povo, não passaria de uma ilha da fantasia, alheia à realidade brasileira. Não é verdade. Brasília tem hoje quase dois milhões de habitantes. Tem, portanto, a mesma densidade demográfica das principais capitais brasileiras, perdendo apenas, nesse quesito, para o eixo Rio-São Paulo.

A corrupção chega aqui por ponte aérea. Basta ver que, entre os acusados na CPI do Orçamento, não há um único parlamentar da bancada do Distrito Federal. Os corruptos vêm de fora. Existe, aliás, um razoável equilíbrio federativo no saque aos cofres públicos. Ninguém pode reivindicar primazia nesse departamento.

Mas voltemos à tese da mudança da capital. Tão absurdo quanto destronar Brasília — cidade construída com essa única e exclusiva finalidade de abrigar a estrutura administrativa dos Três Poderes da República — é cogitar fazê-lo para o Rio de Janeiro, cidade que, hoje, mal suporta o peso de seus próprios e numerosíssimos problemas.

Não há aqui qualquer intenção de menosprezar a antiga capital, cuja história e tradições honram todos os brasileiros. Mas, convenhamos, o Rio vive hoje o pior momento de sua história, sob todos os aspectos: psicossocial, policial, administrativo, econômico e urbanístico.

Há dias, a mídia exibiu cenas de uma cruenta batalha urbana entre policiais e traficantes, no outrora nobre bairro de Copacabana. O tiroteio durou toda a madrugada, sitiando os moradores e apavorando turistas hospedados nos hotéis das imediações. Quando a batalha cessou e o dia amanheceu, os turistas fecharam suas contas nos hotéis e voltaram imediatamente para casa. Desnecessário dizer a impressão que levaram consigo.

Como abrigar, numa cidade atormentada pelo crime organizado e palco de numerosos e cotidianos seqüestros, o corpo diplomático estrangeiro e as principais autoridades nacionais? O Rio, hoje, sequer consegue ser capital do Estado do Rio. Há poucos meses, desesperado com a queda da qualidade de vida em sua cidade, o

carioca mobilizou-se em um programa solidário, intitulado "Viva Rio", cujo lema é tentar restaurar na cidade o paraíso perdido dos tempos em que era chamada de maravilhosa.

Não será esse seguramente o palco adequado para receber a megaestrutura administrativa do Estado e o Corpo Diplomático estrangeiro aqui acreditado. Brasília é, sem dúvida, incomparável nesse aspecto.

Mas há outros. Não se trata apenas de comparar os perfis urbanísticos das duas cidades. Há ainda outro quesito a ser examinado: o geopolítico. A conquista e ocupação do imenso território nacional datam de pouco tempo. O Brasil passou os primeiros séculos de sua existência pendurado no litoral, de costa para si mesmo, contemplando de forma subserviente o colonizador europeu.

Somente após Brasília, foi possível interiorizar o progresso. Hoje, o País está ligado de Norte a Sul por rodovias e expandiu suas fronteiras agrícolas pelo Centro-Oeste, graças à presença estratégica e centralizada de sua capital.

Quem viaja o interior de Goiás, Mato Grosso e Minas percebe a presença do progresso e da prosperidade. A tão falada crise — que obviamente é real — faz-se mais presente no eixo urbano Rio-São Paulo. Brasília permitiu que o Brasil redescobrisse a si próprio; resgatou o legado dos Bandeirantes e nos fez enxergar com maior nitidez esse colosso ambiental que é a Amazônia.

Renunciar a Brasília é abdicar da conquista do território nacional. É abdicar da Amazônia, um tesouro sobre o qual projeta-se hoje a cobiça do capital internacional. Brasília atende às necessidades geopolíticas do desenvolvimento e da segurança nacionais. Por isso mesmo, é obra irreversível.

Como representante de Brasília, cumpre-me defendê-la, vocalizar seus interesses, preservá-la. Mas, ao lutar pela manutenção de seu "status" de Capital da República, estou certo de que vou bem além disso e expresso aqui o mais legítimo interesse nacional.

Proponho aos representantes do Distrito Federal no Congresso — e a todos os que são sensíveis a esta causa — que se unam, suprapartidariamente, em defesa da capital. Que a defendam de ataques insensatos de pessoas saudosas do poder e que, em favor de seus interesses pessoais, não hesitam em atentar contra o equilíbrio geopolítico do País.

Brasília é uma conquista do povo brasileiro e, como tal, deve merecer o carinho e o reconhecimento de todos nós, seus representantes. E é nela que presentemente se escrevem algumas das mais importantes páginas de nossa história contemporânea: o resgate dos valores éticos fundamentais à reconstrução da nacionalidade e o advento da cidadania.

■ Valmir Campelo é senador pelo PTB/DF